



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**

**FACULDADE UNB PLANALTINA – FUP**

**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO – LEdoC**

**ANÁLISE DO DISCURSO: AGRICULTURA FAMILIAR VERSUS CLASSE  
PATRONAL – ANTAGONISMO E PODER NO ASSENTAMENTO  
VIRGILÂNDIA**

**ROSILEIDE ROCHA DE SOUZA COSTA**

**Planaltina – DF**

**2013**

**ROSILEIDE ROCHA DE SOUZA COSTA**

**ANÁLISE DO DISCURSO: AGRICULTURA FAMILIAR VERSUS CLASSE  
PATRONAL – ANTAGONISMO E PODER NO ASSENTAMENTO  
VIRGILÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Orientadora: Profa. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa

**Planaltina – DF**

**2013**

**ROSILEIDE ROCHA DE SOUZA COSTA**

**ANÁLISE DO DISCURSO: AGRICULTURA FAMILIAR VERSUS CLASSE  
PATRONAL – ANTAGONISMO E PODER NO ASSENTAMENTO  
VIRGILÂNDIA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção ao título de licenciada em Educação do Campo, com habilitação na área de Linguagens.

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/2013

**Banca Examinadora:**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rosineide Magalhães de Sousa (UnB/FUP) – Orientadora  
Presidente

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Mônica Castanga Molina (UnB/FUP) – Membro interno

---

Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup> Luiz Antônio Pasqueti (UnB/FUP) – Membro interno

**Planaltina – DF**

**2013**

## DEDICATÓRIA

Dedico primeiramente a Deus, por ter me dado forças para concluir este trabalho, pelas promessas mediante as dificuldades, por às vezes querer desistir, mas ele nunca me abandonou e falava ao meu coração “não temas, porque eu sou contigo; não te assombre porque eu sou seu Deus; eu te fortaleço com a minha destra fiel.” Isaías 41.10.

A meu esposo por reconhecer a importância do meu crescimento profissional, por me apoiar mediante tantos dias fora de casa e compreender cada momento com sua especificidade.

A minha mãe por ter sido minha grande parceira auxiliando no cuidado dos meus filhos com muita dedicação.

A minha Irmã Nadilene pelo incentivo desde o apoio emocional quanto ao cuidado com meus filhos, grande amiga e companheira.

Aos meus filhos que tanto amo por colaborarem enquanto me ausentava.

A minha orientadora e professora Rosineide, primeiro pelo incentivo nos mostrando que somos capazes, pela dedicação, paciência e respeito, por ser essa grande mãe, amiga, companheira que não mede esforços para nos ajudar e por fim declarar que essa pessoa foi e sempre será uma peça fundamental para a LEdoC e para minha formação.

A irmã Sonia pelo cuidado e carinho pelos meus filhos.

A minha grande amiga Priscila a qual construímos uma grande amizade nesse processo.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força que me concedeu nos momentos difíceis e esteve ao meu lado.

Aos meus pais Rosendo e Carmelita por me apoiarem nos momentos difíceis pelos quais passei.

Aos meus irmãos por me amarem, ajudarem e apoiarem.

Aos professores Roberta e Djiby pela contribuição e disponibilidade em nos ajudar.

Aos professores da LEdoC pela contribuição nesse processo de construção de luta pela a educação do campo e em especial a profa. Dra. Rosineide que me orientou com muita dedicação, responsabilidade e competência.

A prof. Dr. Pasquetti pela contribuição em minha formação docente e por dispor do seu tempo para ler este trabalho.

A profa. Dra. Mônica: existe um provérbio bíblico que diz, “a sabedoria precede a hora”, gostaria de agradecê-la pela minha formação docente e pela sabedoria que tem tido para conduzir este projeto de transformação social que é a Licenciatura em Educação do Campo.

Aos meus amigos de luta Simone, Priscila, Gideão, Jaci e Elza pelos esforços dos trabalhos em grupo e pela amizade cultivada.

Aos professores da UEG, Arlete, Sergio e Gerson pela disponibilidade em nos ajudar no início do curso sendo fundamentais para esse processo.

A todos meus amigos do curso que também contribuíram para minha formação aos quais convivi e aprendi, pelos momentos tristes a qual superamos juntos e por fim pelos momentos de alegria que vão ficar marcados em minha trajetória.

As pessoas que contribuíram direta e indiretamente para a realização da pesquisa.

A CAPES, pela bolsa PIBID Diversidade, tão importante para quem quer se firmar no início de formação docente.

## EPÍGRAFE

*“O discurso ajuda a construir (e a transformar)  
o conhecimento e seus objetivos,  
as relações sociais e identidades sociais.”*

*Fairclough*

*Portanto o exercício do poder não se limita  
simplesmente a uma forma de ação,  
mas consiste em uma forma de interação social.*

*Van Dijk*

*Ora, Aquele que é poderoso para fazer infinitamente  
mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos,  
conforme o seu poder que opera em nós, dele seja a glória.*

*Efésios 3:17-21*

## **LISTA DE ABREVIATURA**

ACD – Análise Crítica do Discurso

ADC - Análise do Discurso Crítica

AF- Agricultura familiar

APPAV – Associação de Produtores do Projeto de Assentamento Virgilândia

CBB – Companhia Bioenergética Brasileira

CP – Classe patronal

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio

INCRA – Instituto Nacional de Reforma Agrária

LEdoC – Licenciatura em Educação do Campo

GO - Goiás

UnB - Universidade de Brasília

## RESUMO

Este trabalho consiste em analisar o discurso da classe patronal versus agricultura familiar, no intuito de investigar o poder do discurso e a influência deste sobre as pessoas. Buscam-se subsídios para a realização deste estudo, na pesquisa qualitativa para análise de dados. A base teórica é formada pelo estudo sobre Análise Crítica do Discurso, pois esta nos permite identificar a influência do discurso impostos pelo sistema capitalista, sendo o discurso uma das principais formas de dominação e poder, também busca compreender a relação entre discurso, poder, sociedade e cognição. O estudo mostrou que existem vários discursos que permeiam o arrendamento das terras, em que o discurso da classe patronal encontra-se explícito na agricultura familiar. A falta de conhecimento e a busca pelo imediatismo são os fatores que contribuem para essa manipulação. Desta forma, este estudo contribuirá na construção de sujeitos críticos e politizados, que sejam capazes de intervir e buscar meios de resistir a esses discursos delineados de interesses e não serem manipulados por essa estrutura capitalista.

Palavras-chave: Análise do discurso. Poder. Manipulação. Fazendeiros e Assentados. Cana-de-açúcar.



## **ABSTRACT**

This work consists of analyzing the speech class employers versus family farming in order to investigate the power of speech and its influence on people. Subsidies are sought for this study, in qualitative research for data analysis. The theoretical basis is formed by the study of Critical Discourse Analysis, as this allows us to identify the influence of the speech being imposed by the capitalist system, the speech one of the main forms of domination and power, also seeks to understand the relationship between discourse, power, society and cognition. The study showed that there are several discourses that permeate the lease of land, where the discourse of class employer is explicit in family farming. The lack of knowledge and the search for immediacy are the factors that contribute to this manipulation. Thus, this study will contribute to the construction of critical and politicized, they are able to intervene and seek ways to resist these discourses outlined interests and not be manipulated by the capitalist structure.

Keywords: Discourse analysis. Power. Manipulation. Farmers and Settlers. Cane sugar.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I: EM BUSCA DA PESQUISA.....	14
1.1 Contexto de pesquisa .....	15
1.2 Pessoas pesquisadas.....	19
1.3 Instrumentos utilizados para pesquisa.....	20
1.4 Objetivo geral.....	21
1.5 Objetivos específicos.....	21
1.6 Pergunta de pesquisa.....	22
CAPITULO II: DISCURSO E CAPITALISMO .....	23
2.1 Breve históricos sobre a análise crítica do discurso e outras contribuições.....	23
2.1.1 Discursos como forma de dominação.....	26
2.1.2 Abuso de poder, manipulação e a dialética entre sociedade e cognição.....	28
2.1.3 Reflexividade na modernidade tardia.....	33
2.2 A estrutura do capitalismo.....	35
CAPÍTULO III: O QUE O DISCURSO REVELA.....	38
3.1 Você arrendaria sua terra para o plantio da cana de açúcar? Justifique sua resposta.....	39
3.1.1 Em sua opinião o plantio da cana de açúcar traz desenvolvimento financeiro para a comunidade? Justifique sua resposta.....	45
3.1.2 Em sua opinião o canavial traz desenvolvimento financeiro para comunidade? Justifique sua resposta.....	48
3.1.3 Em sua opinião quais as causas e os benefícios que o plantio da cana-de-açúcar trouxe para a comunidade?.....	50
3.1.4 O plantio da cana-de-açúcar influência nas mudanças climáticas, falta de água, fauna e flora?.....	53

CONSIDERAÇÕES.....	59
REFERÊNCIAS.....	62

## INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o discurso da classe patronal e como esta está influenciando a agricultura familiar na comunidade de Virgilândia - GO. O tema a ser pesquisado é decorrente de observações durante o processo de negociação da (CBB) Companhia Bioenergética Brasileira, usina de cana-de-açúcar, localizada no município de Vila Boa-GO, a 70 km desse Assentamento, com a proposta de arrendamento das chácaras próximas às fazendas arrendadas. Nesse sentido, facilitaria a administração do plantio, locomoção de caminhões e maquinários em um mesmo espaço, ou seja, as cercas que dividiam as chácaras seriam arrancadas no intuito de transformá-las em uma única plantação.

Diante disso, este estudo tem como objetivo analisar o discurso proferido pelos fazendeiros na tentativa de provar o “progresso” que a monocultura da cana-de-açúcar traria para a comunidade. Considerando que o discurso, conforme Van Dijk (2010) pode influenciar o outro, esta pesquisa vai analisar a reprodução e a interferência do discurso dos fazendeiros no discurso dos agricultores familiares. Nessa perspectiva, os agricultores familiares, incentivados pelo discurso dos fazendeiros viram uma possibilidade de obtenção de lucros através do arrendamento de suas parcelas, podendo retirar destas o necessário para sobreviverem por muito tempo, sem a necessidade de se ausentarem da parcela em busca de trabalho.

A pesquisa é feita sob o enfoque qualitativo, por apresentar uma visão interpretativa, abrindo leque para o investigador perceber a realidade acontecendo em perspectivas diferentes. Para a realização da pesquisa, a coleta de dados deu-se por meio de questionários aplicados com homens, mulheres e jovens com escolaridade e sem escolaridade, compondo o contexto de fazendeiros e de agricultores familiares, do Assentamento Virgilândia. Diante desse cenário, a intenção é analisar o discurso como forma de dominação que alguns grupos mantêm sobre o outro.

Mediante essas observações, é possível apontar ainda a influência dos discursos dos fazendeiros refletidos nos agricultores. Dentro dessa linha, segundo Van Dijk (2010), a relação de poder se concretiza por meio da interação, ou seja, o conceito da ação envolve o conceito de controle (cognitivo). Dessa forma, o autor ressalta que podem ser formuladas alternativas viáveis aos discursos dominantes que são compatíveis com os interesses dos grupos dominados. Isto é, o discurso pode influenciar outros discursos que sejam compatíveis com o interesse daqueles que detêm o poder.

Para embasamento teórico, recorrem-se aos autores Van Dijk (2010) abordando as ideologias por trás do discurso, examinando o abuso de poder, tendo em vista como tal abuso que pode prejudicar as pessoas. Legitimando a desigualdade social vivenciada na vida cotidiana, Resende e Ramalho (2006) trazem uma análise teórica segundo Giddens, enfatizando o discurso na modernidade tardia e reflexividade da vida social moderna, Creswel (2007) pontua a pesquisa qualitativa, mostrando os métodos e como está apresentada diferentes argumentações, estratégias e investigações, Marx (1847) e Harman (2007) apontando a forma de como a sociedade está estruturada dentro do sistema capitalista.

Por meio deste trabalho, espera-se contribuir com a formação crítica dos agricultores familiares, para que possam refletir sobre questões impostas pelo sistema capitalista através de discursos delineados de interesses próprios. Espera-se também que, através da análise do discurso, haja a construção de sujeitos autônomos que sejam capazes de intervir criticamente na sua própria realidade. Além disso, o trabalho servirá com material didático para formação de leitores críticos no Ensino Básico, das Escolas do Assentamento Virgilândia.

Este trabalho se divide, além desta introdução, em três capítulos. O primeiro consiste em caracterizar a metodologia utilizada nesta pesquisa, situando o local e perfil dos sujeitos da pesquisa. No segundo, trata-se do poder do discurso, o discurso como forma de dominação e prática social, e a constituição da sociedade dentro do capitalismo. Fundamentada nas teorias de Van Dijk (2010), Fairclough (apud Resende e Ramalho 2006) e Viera (2002). E, Marx (1847). Já no terceiro, é apresentada as análises dos dados.

# **CAPÍTULO I**

## **EM BUSCA DA PESQUISA**

Neste Capítulo, aborda-se conforme, principalmente, John W. Cresweel (2007), fundamentados em Bogdam e Biklen (1994), sobre os métodos da pesquisa qualitativa e como esta emprega diferentes argumentações, estratégias e investigações.

Conforme Bogdam e Biklen(*apud*,CRESWEEL,2007), a pesquisa qualitativa surgiu no final do século XIX e início do século XX. Outros estudos mostram que sua divulgação tornou-na mais conhecida nas décadas de 1990 e 1970. E se consolida passado a ser muito utilizada na investigação e na educação.

O procedimento qualitativo conforme o autor se baseia em dados de texto e imagem, tem passos únicos na análise de dados e usam estratégias diversas de investigação.

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos através do estudo das ações sociais, individuais e grupais, realizando uma análise intensiva dos dados.

O autor faz referência a Rossam e Rallis (*apud*, CRESWEEL, 2007), afirmando que as ideias da pesquisa qualitativa são interpretativas: Isto é, o pesquisador faz uma interpretação dos dados, descrição de uma pessoa ou de um cenário, análise de dados para identificar o tema proposto.

Para uma pesquisa qualitativa se recomenda algumas possibilidades, ou procedimentos para uma proposta, que são:

- Identificar as estratégias de investigação específica que será usada.
- Fornecer algumas informações históricas sobre as estratégias, como sua disciplina de origem, suas aplicações e uma breve definição sobre estratégias de investigação.

-Discutir porque esta é uma estratégia apropriada para usar no estudo proposto.

- Identificar como o uso influenciar os tipos de perguntas feitas, a forma de coletas de dados, os passos da análise e a narrativa final.

Cresweel (2007) menciona, ainda, sobre procedimentos de coletas de dados em que o pesquisador prepara o terreno para a discussão das questões envolvidas na coleta em que estabelece fronteiras para o estudo: coletar informações através de observações e entrevistas, documentos e materiais visuais. Assim, classificam-se alguns tópicos indispensáveis para a pesquisa qualitativa.

- Identificar os locais ou as pessoas propositalmente para o estudo. A ideia por trás da pesquisa é selecionar participantes ou locais, ou documentos, ou materiais geográficos mais indicados para ajudar o pesquisador a entender o problema e a questão de pesquisa.

Por fim, o autor vai abordar a análise de dados que consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem. Envolve preparar os dados para análise, conduzir análises diferentes, aprofundar-se no entendimento dos dados interpretá-los do significado mais amplo. Nesse sentido, o autor vai pontuar alguns métodos sobre a análise de dados.

## **1.1 Contexto de pesquisa**

A Fazenda Virgilândia pertencia ao senhor Virgílio Alves, porém a escritura encontrava-se em posse do senhor Labib que até então se casaria com a neta do senhor Virgílio. O senhor Labib adquiriu dívidas com a Caixa Econômica Federal levando a fazenda a ser hipotecada. Mediante essa situação, Labib vem negociar as terras juntamente ao Instituto Nacional de Reforma Agrária – INCRA, com o objetivo de saldar as dívidas com o banco. Sabe-se então que Labib usou de má fé com a família de Virgílio Alves negociando a fazenda como se fosse o proprietário.

Antes da negociação da dívida, o senhor Labib havia vendido várias partes da fazenda para posseiros e estes em homenagem ao senhor Virgílio, nomeou a fazenda como Fazenda Virgilândia por ser ele o primeiro dono da fazenda.

Em Dezembro de 1996, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa juntamente com as famílias interessadas em reforma agrária montaram acampamento com 252 famílias em um espaço nas terras da Fazenda Virgilândia.

Essa fazenda está situada a 100 km de Formosa, sendo 15 km de estrada de terra e 75 km de asfalto. As 252 famílias reivindicaram ao INCRA as terras da fazenda, sendo 16.000 mil hectares de terras improdutivas. No mês de Janeiro de 1997, o INCRA permitiu que as famílias entrassem nas terras com o intuito de irem trabalhando nas parcelas até que fossem liberados os recursos designados para a manutenção da parcela. Somente em 2002 que as famílias foram contempladas com o parcelamento das chácaras.

Conforme as coisas iam acontecendo, surgia a necessidade de lideranças que representassem as famílias no INCRA, com a finalidade de buscar recursos para manutenção dessas famílias nas parcelas. Então, as famílias se organizam e aconteceu a primeira reunião embaixo das árvores, para criarem uma associação. Essa reunião aconteceu de forma democrática. Através de votação secreta foi eleito o companheiro Délio Ramos como presidente da associação. Criou-se também o nome da mesma, sendo Associação de Produtores do Projeto de Assentamento Virgilândia (APPAV).

Quando o INCRA distribuiu as parcelas a cada família não havia nenhuma infraestrutura, mas com o passar do tempo às famílias foram contempladas com as estradas, casas, eixos que dariam acesso aos lotes e logo veio à conquista da energia elétrica. A maioria dos lotes foi contemplada com lotes que dão acesso à água, porém alguns moradores enfrentam dificuldades decorrentes ao difícil acesso a água.

A comunidade está voltada para a atividade agrícola e agropecuária, e conta com recursos tais como: água para irrigação e tratores para preparar as



terras. No entanto, os moradores sentem o efeito das mudanças climáticas que alteram o período de chuva e isso afeta as atividades agrícolas, podendo causar prejuízo total ou parcial das plantações. Nessa dimensão, a falta de transporte para escoamento da produção também prejudica a comunidade, o difícil acesso as estrada, a falta de créditos que garantisse o mercado consumidor e a falta de assistência técnica.

A comunidade Virgilândia preserva as festas tradicional tais como: Festa Junina, Folia de Reis, Festa do Divino e a Festa de São João Batista que é considerado padroeiro do Assentamento pela comunidade católica. No processo de desenvolvimento do assentamento as igrejas tiveram um papel fundamental, pois as mesmas estavam preocupadas com as questões sociais da comunidade, tais como: tabagismo, alcoolismo, alimentação saudável, violências com o tema “Quebrando o Silêncio” que é organizado pela Igreja Adventista do Sétimo Dia e promovia encontros de casais. Essa igreja levou para a comunidade palestrantes naturalistas, psicólogos, que abordassem e ensinassem método de como obter uma vida mais saudável e interação entre os casais.

Antes de ser assentamento, a Fazenda Virgilândia contava com duas escolas que atendiam os anos iniciais do Ensino Fundamental, de forma multisseriada. Com a chegada dos acampados, os pais e a liderança comunitária se preocuparam com a educação das crianças em relação à distância das escolas. Surgiu daí, a necessidade de uma sala aula que atendesse às crianças assentadas. No entanto, havia uma professora na qual estava pleiteando uma chácara, com isso houve uma organização interna, resultando na construção de um barraco de palha para ser utilizado como sala de aula.

Portanto, essa escola só atenderia os anos iniciais do Ensino Fundamental, então surge à demanda de atender os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A necessidade de ter escola que contemplasse essas séries não só atingia filhos dos acampados, mas também os filhos dos posseiros que quando terminava as séries iniciais tinham que ir para a cidade ou deixar de estudar. No processo de desenvolvimento, houve muitas lutas e

manifestos para conseguir uma escola que atendesse todas as séries, porém para o imediatismo em parceria com a prefeitura de Formosa, a liderança negociou um transporte que transportasse os alunos para o povoado do Distrito de Santa Rosa que situa a 15 km do assentamento.

Conforme a demanda a liderança da comunidade solicita ao INCRA uma escola que atendesse todas as séries para que as crianças não tivessem mais de sair de casa e passar o dia todo fora. No ano de 2002, a comunidade foi contemplada com um projeto do INCRA de uma escola modelo sendo aprovada pelo Ministério da Educação. No ano de 2003, o prédio foi inaugurado atendendo todas as séries do Ensino Fundamental e somente no ano de 2005 se amplia o atendimento para o Ensino Médio. A administração desta escola foi dividida entre município (atendendo as séries iniciais do Ensino Fundamental) e estado (os anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio). No entanto, as séries que pertenciam ao estado funcionavam como extensão do Colégio Estadual Distrito de Santa Rosa. O surgimento do Colégio Estadual Assentamento Virgilândia ocorre no ano de 2007, sendo desmembrado do Colégio Estadual Distrito de Santo.

No ano de 2008, a comunidade foi informada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Formosa Goiás sobre o vestibular da Licenciatura em Educação do Campo, LEdoC, criado pela Universidade de Brasília - UnB. Neste mesmo ano, foram aprovados 08 pessoas da comunidade para ingressarem no curso. A proposta da Licenciatura em Educação do Campo seria de uma educação diferenciada voltada para o campo, formando sujeitos críticos e autônomos capazes de intervir e transformar o seu real contexto. Sabendo valorizar a sua identidade camponesa, as experiências coletivas, as diversidades culturais como parte da formação do sujeito.

Através das atividades de inserções na escola e na comunidade, pode-se afirmar que houve muitas lutas e desespero por parte do grupo dos educandos do curso, que se encontrava vislumbrado com a proposta de se criar uma escola nova. O não entendimento de saber como desenvolver estes conceitos os deixava angustiados e logo angustiavam a direção da escola e acabou fechando as portas da escola. Em decorrente disso, o grupo foi

amadurecendo e criando estratégias e táticas para se reinserirem na escola. Nesse novo processo, houve um bom entendimento por parte da escola, fazendo com que o grupo gestor refletisse que os educandos da Licenciatura em Educação do Campo não queriam prejudicá-los e sim contribuir para o melhoramento da educação na comunidade. No decorrer do processo, houve muito êxito, pois se percebeu que atualmente o colégio adota métodos de uma educação contextualizada apresentada através dos estágios da LEdoC, em que a teoria e prática se encontravam juntas.

Na atualidade, a comunidade vive conforme o que foi dito, mas percebe-se que este estilo de vida vem sendo modificado pela expansão canavieira que rodeia o assentamento. Esse foi implantado há um ano e meio. Verifica-se então que, o assentamento está sobre a mira do capitalismo e sofre com os seus efeitos, tais como: rios secos, nascentes destruídas, devastação do cerrado, muitos focos queimadas comprometendo a saúde dos assentados.

## **1.2 Pessoas pesquisadas**

A proposta deste tópico é mostrar o perfil das pessoas entrevistadas, que fazem parte desta pesquisa. Partindo de que o discurso varia de origem geográfica, grau de escolaridade, idade, homens e mulheres (Bagno, 2007). No entanto, Foucault (2005, p.139) declara que não importa quem fala, mas o que é dito, não é dito de qualquer lugar.

O perfil dos entrevistados será a classe patronal (fazendeiros) e agricultor familiar (assentados). Dentro destas categorias homens, mulheres e jovens com escolaridade e sem escolaridade.

Conforme os parágrafos anteriores haverá uma investigação sobre os fazendeiros que arrendaram suas terras para a monocultura da cana-de-açúcar, estes plantam em larga escala para acúmulo de capital e compram produtos produzidos pela agricultura familiar, e, ainda, obtêm meios que favorecem o escoamento dos produtos.

Os assentados produzem para a própria subsistência e alguns produzem a mais na tentativa de encontrar meios de aumentarem suas rendas, porém não obtêm sucesso, pois não existe uma organização interna que garanta o mercado, isto é, cooperativas, grupos organizados entre outros.

### **1.3 Instrumentos utilizados na pesquisa**

O método utilizado para a pesquisa é o qualitativo, para o qual recorre-se para levantamento de dados dos seguintes recursos:

- Questionário com perguntas direcionadas que abrange a monocultura da cana de açúcar.
  - 1- Você arrendaria sua terra para o plantio da cana de açúcar? Justifique sua resposta.
  - 2- Em sua opinião o plantio da cana de açúcar traz desenvolvimento financeiro para a comunidade? Justifique sua resposta.
  - 3- Em sua opinião quais as causas e os benefícios que o plantio da cana-de-açúcar trouxeram para a comunidade?
  - 4- O plantio da cana-de-açúcar influencia nas mudanças climáticas, na falta de água, na fauna e flora?
- As entrevistas foram feitas, no total, com treze pessoas da agricultura familiar e fazendeiros, porém para a análise utilizaram-se apenas oito entrevistas, sendo seis da Agricultura familiar e duas de fazendeiros porque o acesso a estes se tornou mais difícil, por não residirem no assentamento. Da agricultura

escolheram seis entrevistas para evitar algumas repetições de respostas.

- Entrevistas para desconstrair os mesmos em relação às questões. Durante as entrevistas houve diálogo para direcionar as pessoas entrevistadas em relação às perguntas estruturadas, caso não houvesse entendimento, e para não delimitarem as respostas.
- Fotos dos canaviais e rios próximos às plantações para análise de as dados.

Diante do exposto, no tópico abaixo, registram-se os objetivos gerais e específicos e a pergunta de pesquisa que norteiam este trabalho.

#### **1.4 Objetivo geral**

- Investigar e analisar o discurso da classe patronal em relação ao desenvolvimento da cana-de-açúcar e como este esta sendo reproduzido na agricultura familiar.

#### **1.5 Objetivos específicos**

- Investigar e analisar o discurso da classe patronal sobre o plantio da cana- de - açúcar.
- Investigar e analisar o discurso dos agricultores familiares sobre o plantio da cana de açúcar.
- Propor reflexões e possíveis mudanças através do grupo de teatro criado a partir de discussões sobre os impactos ambientais

e sociais que a monocultura da cana-de-açúcar traria à comunidade dentro dos estágios da turma 2 da LEDOC, do Assentamento Virgilândia, além de tratar dessa temática por meio da leitura crítica.

## **1.6 Pergunta de pesquisa**

O que revela o discurso da classe patronal e dos agricultores familiares em relação ao desenvolvimento da cana-de-açúcar no Assentamento Virgilândia e como o discurso pode manipular a classe de menos poder?

Diante dessa metodologia, para completar o trabalho monográfico, o próximo capítulo trata da fundamentação teórica.

## **CAPÍTULO II**

### **DISCURSO E CAPITALISMO**

#### **2.1 Breve históricos sobre a Análise Crítica do Discurso e outras contribuições**

Neste tópico, primeiramente, aborda-se, segundo Van Dijk (2010), fazendo referências a outros autores, o que é Análise Crítica do Discurso e como esta surge como uma concretização do desejo de um grupo específico de linguistas, de criação de um método para analisar a linguagem que aliasse as teorias linguísticas, sociológicas e políticas.

O autor mostra que alguns dos fundamentos da ACD já podem ser encontrados na teoria crítica da escola de Frankfurt antes da Segunda Guerra Mundial. O atual interesse pela linguagem e pelo discurso iniciou-se com a linguística crítica, que surgiu no Reino Unido e na Austrália no final da década de 1970. A ACD pode ser vista como uma reação contra os paradigmas formais dominantes é um tipo de investigação analítica discursiva que estuda principalmente o modo como o abuso do poder, a dominação e a desigualdade são representados, reproduzidos e combatidos por textos orais e escritos no contexto social e político.

A Análise Crítica do Discurso não é na verdade uma diretriz, nem uma escola ou uma especialização semelhantes a tantas outras abordagens nos estudos discursivos. Antes a ACD objetiva oferecer um modo ou uma perspectiva diferente de teorização, análise e aplicação ao longo de todos os campos. Pode-se encontrar uma perspectiva mais ou menos crítica em diversas áreas, tais como a pragmática, a análise da conversação e a análise da mídia.

Conforme Van Dijk (2010), uma vez que não constitui uma diretriz específica de investigação, a Análise Crítica do Discurso não possui um enquadre teórico único. Encontraram-se muitos tipos de ACD, as quais podem ser bastante diversas do ponto de vista teórico e analítico. Esta apresenta noções como poder, dominação, hegemonia, produção, instituições, estrutura, e ordem social, além das noções analíticas dos discursos mais familiares.

A maioria dos trabalhos críticos sobre os discursos é a de poder e mais especificamente, de poder social de grupos ou instituições, nesse autor define poder como controle, hegemonia caracterizada como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre outro, estruturas como parte da organização, da produção discursiva e dominação como uma forma de abuso de poder social, isto é, controle sobre outros em benefício do interesse próprio resultando em desigualdade social. Dessa maneira, os grupos possuem maior ou menor poder se forem capazes de exercerem controle sobre os atos e as mentes dos membros de outro grupo, isto é, sobre o poder cognitivo.

É possível distinguir diferentes tipos de poder de acordo com os recursos empregados para exercê-lo: o poder coercitivo dos militares baseia-se, principalmente, na força; já os ricos terão poder por causa do dinheiro; enquanto professores; pais ou jornalistas se baseiam no conhecimento na informação ou na autoridade. Van Dijk destaca que o controle do discurso é uma das principais formas de poder. Controlar a mente das pessoas é outra forma de poder e outra forma fundamental de reproduzir a dominação e a hegemonia.

Fazendo referência ao parágrafo anterior, os participantes são obrigados a serem receptores do discurso, exemplo: educação requer certo grau de atenção interpretação e aprendizagem, porque existem os discursos públicos ou meios de comunicação que possam fornecer informação do qual possam ser derivados crenças alternativas.

Nos pontos anteriores, os receptores podem não possuir o conhecimento e as crenças necessárias para questionar o discurso ou a informação a que são expostos. Uma vez que se tem uma ideia elementar acerca de algumas estruturas da mente o que significa controlá-los, essas influências discursivas



podem ocorrer devido ao contexto assim como as estruturas dos textos orais e escritos.

Van Dijk (2010) examina, ainda, as complexidades de relações entre o discurso e o poder enfatiza como o discurso tende a manipular as pessoas, tanto na escuta como na fala. O autor apresenta como o discurso não é analisado apenas como um objeto verbal autônomo, mas também como intenção situada, como prática social ou como uma situação social, cultural, histórica ou política.

Essas diferentes formas de observações e análise são bastante típicas às ciências sociais e a vários tipos de psicologia, que utilizam experimentos controlados de laboratórios, para testar hipóteses mentais e nestas, há pesquisas sobre vários parâmetros mentais que influenciam na produção e compreensão discursiva e como esses discursos geram consequências para o modo como falamos ou compreendemos o discurso poder e acesso.

A tarefa da Análise Crítica do Discurso (ACD) é explicar as relações entre discurso e poder social, como o abuso de poder é praticado, reproduzido e legitimado pelo texto e fala de grupos dominantes, como por exemplo: a mídia, as grandes financeiras, indústria cultural, a estrutura do governo, dentre outros.

O autor focaliza neste texto um enquadre conceitual mais amplo, poder como uma propriedade das relações entre grupos e, neste, o poder social que o autor define como controle exercido do grupo, influenciando suas ideologias.

O abuso de poder é fundamentado em privilégios sociais, riquezas, empregos e status, interesse próprio de alguém. O abuso de poder não envolve força como por exemplo: a agressão de policiais contra jovens negros. Ele pode afetar a mente das pessoas, através do acesso ao discurso e à comunicação pública, isto é, o controle sobre esses grupos ou instituição podendo dominar as estruturas do texto e da fala. Com isso, o conhecimento das atitudes, das normas e dos valores dos receptores são mais ou menos afetados de acordo com interesse do grupo dominante. “Quem pode falar e escrever para quem sobre o que, quando em que contexto ou que pode

participar desses eventos comunicativos nos mais variados papéis de ouvintes” (VAN DIJK, 2010, p.89).

Neste ponto, discurso é similar aos recursos sociais que constitui a base do poder que distribui de maneira desigual exemplo: o acesso à mídia, a fala, a escrita, médicos, jurídicos, políticos ou acadêmicos. Este é constituído para um público específico.

O poder social corresponde às medidas de acesso ao discurso, podem ser indicadores bastante confiáveis de poder de grupos sociais e de seus membros. Existem poderes e estratégias de acesso discursivo que podem ser explicitadas em praticamente todos os domínios sociais, instituições profissões, situações e gêneros.

Portanto, no mundo político apenas os ministros tem acesso às reuniões do gabinete e apenas o parlamentos tem acesso aos debates nos parlamentos. Secretários e acessórios podem ter acesso às reuniões, porém somente fazem anotações e falam apenas quando são convidados.

Para cada domínio social, profissão, organização ou situação, pode-se esboçar um esquema discursivo e comunicativo de condições e estratégias de acesso, aos vários grupos sociais envolvidos.

### **2.1.1 Discurso como forma de dominação**

Este texto analisa baseado em van Dijk (2010), as estruturas discursivas e como essas desempenham um papel crucial na expressão, na confirmação e na reprodução da desigualdade social. Mostra o processo sócio-cognitivo, envolvendo os modelos mentais ou outras representações cognitivas dos participantes, e como estes são influenciados pela as estruturas discursivas e influenciam a interação ou discursos futuros.

No entanto, o discurso pode ser formulado de acordo os interesses de grupos dominantes e se torna uma forma de dominação em que um grupo mantém controle sobre o outro, ou seja, abuso de poder que esse adquiriu

sobre a mente e atitude do grupo dominado. Esse controle não se aplica somente ao discurso como prática social, mas também ao controle da mente daqueles que estão sendo controlados, no conhecimento, nas atitudes, nas ideologias e nos valores. Em relação a isso, Van Dijk afirma que o controle da mente significa que as ações também são controladas.

O controle da mente envolve muito mais do que apenas a compreensão da escrita ou da fala; envolve também conhecimento pessoal e social, as experiências prévias, as opiniões pessoais e as atitudes sociais, as ideologias e as normas ou valores, entre outros fatores que desempenham um papel na mudança de mentalidade das pessoas. (VAN DIJK, 2010, p.20).

No entanto, poucas pessoas têm liberdade para falar ou escreverem quando, onde ou sobre o que querem falar, por exemplo, denunciar o poder abusivo e as fraudes dos governantes, além disso, muitas pessoas têm empregos nos quais são obrigados a falar tipos específicos de fala e escrita. Esse controle nesses casos vem da dependência financeira e em muitos casos falta de opção com isso tornam-se submissos a reproduzirem atitudes ou ações compatíveis daqueles que detém o poder. De modo que pode influenciar diretamente ou indiretamente outros discursos.

Van Dijk (2010) enfatiza os meios discursivos e cognitivos da reprodução do poder social, usado através dos discursos políticos, jornais, mídia que estrategicamente formulam notícias programas de televisão, relatório ou publicidade empresarial. Contudo, o propósito é o controle da produção do discurso público. Uma vez que as pessoas são influenciadas das notícias que leem ou veem.

Percebe-se que a compreensão das notícias e a maneira como receptores mudam de opinião ou atitudes dependem de suas próprias ideologias prévias experiências pessoais e como esses são compartilhados com outros membros de grupo.

Analisando a reprodução discursiva do poder, realizado anteriormente, o autor afirma que não existe uma influência direta da estrutura social sobre a

escrita ou fala. Antes elas são observadas, experimentadas, representadas por membros sociais, por exemplo, como parte de sua integração ou comunicação cotidiana a esse conhecimento, essas atitudes e ideologias que no fim influenciam os discursos e outra prática sociais das pessoas. Isto é, a cognição pessoal e social sempre media a sociedade ou as situações sociais e o discurso.

Diante da ilegitimidade do uso do poder (abuso de poder), vale ressaltar a influencia da mídia tanto para informar ou desinformar, a dominação e os vários tipos de poder comunicativo, isto é, as notícias jornalísticas e os *realities* são repletos de exemplos. A violência dos pais, a banalização da imagem da mulher, a discriminação contra o negro, a corrupção política, o terrorismo e outros.

Portanto, deve-se atentar e definir até que ponto os noticiários nos informa ou desinforma, esses meios comunicativos torna-se estereótipos confirmatórios, ou seja, a sociedade torna-se portadora doutrinada e manipulada pelo discurso daqueles que detêm o poder. E, no entanto, uma vez que o controle da mente estar nas mãos destes, as pessoas reproduz sem perceber que esse discurso é a violação dos direitos sociais e civis das pessoas.

### **2.1.2 Abusos de poder, manipulação e a dialética entre sociedade e cognição**

A forma crucial de acesso consiste no poder de controlar dimensões variadas do próprio discurso ou fala, onde pode ser usado a (fala ou escrita) qual variedade linguística pode ser usado e por qual linguagem padrão.

Existem várias noções cruciais na Análise Crítica do Discurso que chama atenção, porque implicam abuso discursivo de poder. Fundamentada nas teorias de Van Dijk (2010) e Resende e Ramalho (2006), estas baseadas nas teorias de Fairclough. Neste, faz-se uma interface entre os autores Van Dijk

com uma visão mais ampla, enquanto Resende e Ramalho mais fechada. Primeiro abordaram-se os conceitos na perspectiva Van Dijk, logo em seguida Resende e Ramalho, estas examinam algumas dessas propriedades da manipulação dentro de uma estrutura de triangulação de uma abordagem que liga discurso, cognição e sociedade.

Entretanto, Van Dijk afirma que a maior parte da manipulação, desenvolve através da fala e da escrita. Em segundo os que são manipulados são seres humanos e isso tipicamente ocorre através da manipulação de sua mente, dessa forma uma abordagem cognitiva também é capaz de esclarecer o processo de manipulação. Em terceiro lugar, a manipulação é uma forma de interação convencional, isso implica poder e abuso de poder.

O autor pondera que embora as abordagens sociais integracionistas e discursivas sejam cruciais, vale ressaltar que uma dimensão cognitiva também é importante porque a manipulação sempre envolve uma forma de manipulação mental. Isto é, manipulação se dá de forma comunicativa ou simbólica como uma forma de interação tal como os políticos ou a mídia manipulam seus eleitores e leitores, ou seja, através de algum tipo de influência discursiva.

Como proposta pelo autor a manipulação é uma prática comunicativa interacional na qual um manipulador exerce controle sobre outras pessoas normalmente contra a vontade e interesses delas. Contudo, o conceito de manipulação se torna uma coisa ruim, porque essa prática viola as normas sociais, isto é, manipulação envolve não apenas poder mais especificamente abuso de poder.

A manipulação implica o exercício de uma forma de influência deslegitimada por meio do discurso: os manipuladores fazem os outros acreditarem ou fazerem coisas que são do interesse do manipulador, e contra os interesses dos manipulados. (VAN DIJK 2010, p.234).

Van Dijk faz referência a Dillard e Pfau (2002), observando que a manipulação dos receptores é dada tipicamente a um papel mais passivo: eles

são vítimas da manipulação. Essa consequência negativa do discurso manipulador ocorre tipicamente quando os receptores são incapazes de entender as intenções, ou percebe todas as consequências das crenças e ações defendidas pelo manipulador. No entanto, esse pode ser especialmente o caso quando os receptores não têm o conhecimento específico do que pode ser usado para resistir à manipulação.

Depois das exposições teóricas a cerca da manipulação discursiva Van Dijk mostra o marco teórico multidisciplinar global, triangulando uma abordagem social cognitiva e discursiva. Ou seja, a manipulação é um fenômeno social, porque envolve interação e abuso de poder entre pessoas. É fenômeno cognitivo porque a manipulação sempre implica manipular as mentes dos participantes, e é um fenômeno discursivo semiótico porque a manipulação é exercida através da escrita, fala das mensagens visuais.

O autor defende anteriormente que nenhuma dessas abordagens pode ser reduzida apenas uma, e todas as três são necessárias para uma teoria integrada que também estabelece dimensões da manipulação.

Conforme Like (*apud* RESENDE; RAMALHO 2006) para entender e analisar o discurso manipulador é crucial primeiramente examinar seu ambiente social isto é a manipulação envolve poder e dominação. Uma análise dessa dimensão do poder envolve uma explicação do tipo de controle que alguns atores ou grupos sociais exercem sobre outros.

Portanto, os pais manipulam seus filhos por causa da sua posição de poder e autoridade, professores podem manipular seus alunos por causa da sua posição institucional e por causa dos seus conhecimentos. O mesmo é verdade para políticos que manipulam seus eleitores, para jornalistas que manipulam os receptores do discurso da mídia ou para líderes religiosos, que manipulam seus seguidores.

Obviamente para serem capazes de manipular tantos outros através da fala e da escrita é preciso ter acesso a alguma forma de discurso publico como os debates parlamentares, as notícias os artigos de opinião os livros escolares os romances o show de televisão entre outros.

O autor faz uma observação que a manipulação é uma das práticas sociais discursivas de grupos dominantes que servem a reprodução do seu poder. Esses grupos dominantes podem fazer isso também de várias outras formas, por exemplo, através da persuasão. Fornecendo informações, educação, instrução e outras práticas sociais que objetivam influenciar o conhecimento, as crenças e indiretamente as ações dos receptores.

Portanto, manipular pessoas envolve manipular suas mentes, suas crenças, seus conhecimentos, suas opiniões e suas ideologias os quais por sua vez controlam suas ações.

Resende e Ramalho (2006) apresentam o discurso como parte da prática social a partir da contextualização de Estruturas, Ideologia e Hegemonia. Elas citam Fairclough (2001 a) que afirma que o discurso vem como modo de ação historicamente situado e, assim, pode-se considerar que as estruturas se tornam parte da organização da produção discursiva na sociedade. Nesse sentido, cada enunciado se concretiza como ação individual e vale afirmar que essa ação pode contribuir para a transformação da própria forma de ação.

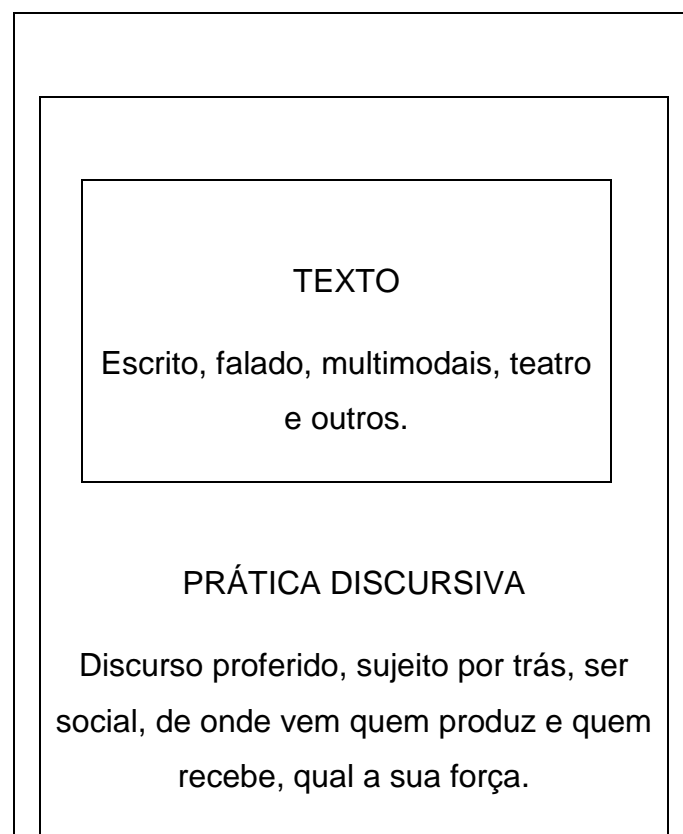
Nessa dimensão, a tarefa da Análise de Discurso Crítica é analisar a relação de poder social, abuso de poder que pode ser feito e reproduzido pelo texto através da prática discursiva. O poder social se concretiza pelos privilégios sociais (riqueza, status, empregos, influência). Portanto, o poder social pode ser definido como controle das ações ou das mentes, trazendo influências para as suas ideologias. Estas podem ser definidas como construções da realidade, relações sociais, identidade sociais, crenças, que contribuem para a produção, reprodução ou transformação da dominação.

Uma das questões abordada é o conceito de hegemonia que se caracteriza como domínio exercido pelo poder de um grupo sobre outros, fundamentado mais no consenso do que no uso da força. Isto é, um discurso influencia o outro. Resende e Ramalho (2006) ponderam que o uso da linguagem social é constituído socialmente de identidades sociais, relações sociais e sistema de conhecimento e crença. Sendo assim, pode-se afirmar que existe uma dialética entre discurso e sociedade. Pode-se dizer que não

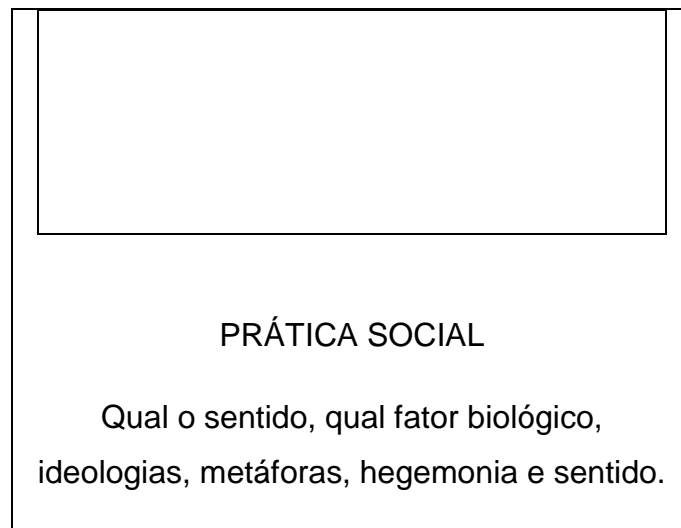
tem como separar a linguagem e a sociedade, pois ambas estão conectadas. Nesse sentido, o uso da linguagem é posta como forma de prática social e não somente uma atividade individual.

Não tem como separar a linguagem e a sociedade, pois ambas estão conectadas. Nesse sentido, o uso da linguagem é posta como forma de prática social e não somente uma atividade individual. Desta maneira, considera-se que o discurso é uma forma de dominação que um grupo exerce sobre o outro. Isso implica que as ações serão controladas pelos outros ou de acordo com os interesses do grupo dominante. “Isso implica que o discurso é modo de ação de uma forma que as pessoas podem agir sobre o mundo e sobre os outros.” Fairclough (apud, Resende; Ramalho 2006, p.27).

A análise do discurso consiste em três dimensões. Baseando no quadro de concepção tridimensional do discurso de Fairclough (apud, Resende; Ramalho, 2006) sobre texto, prática discursiva e prática social pode-se afirmar que texto e práticas sociais é uma dimensão do evento discursivo e eles são permeados pelas práticas discursivas.







Para Resende e Ramalho (2006) todo discurso é por ele excelência, ideológico está ligada a posição do sujeito na sociedade, daí ser socialmente constituído pela pratica discursiva e pela pratica social. Dessa forma, falar de ideologia pressupõe a proposta de um discurso que busque romper com relações de poder. Mas essa ideologia precisa ser desconstruída, uma vez que representa os significados gerados em relação de poder como dimensão do exercício do poder e na luta pelo poder.

Por fim, ao analisar o discurso de forma crítica, o analista do discurso não estará analisando o único discurso, mais uma forma híbrida de discursos que da origem a um interdiscurso, isto é um discurso mediador, uma representação da função de discursos.

### **2.1.3 Reflexividade na modernidade tardia**

A discussão deste tópico está fundamentada em Resende e Ramalho (2006), as quais fazem referência a outros autores. Alimentadas na teoria Giddeana, trazem características da modernidade tardia que focaliza o discurso nessa fase.

A modernidade tardia segundo Giddens (*apud* REZENDE; RAMALHO, 2007), é a presente fase de desenvolvimento das instituições modernas,

marcada pela radicalização dos traços básicos da modernidade: separação tempo e espaço mecanismo de desencaixe e reflexividade institucional, isto é as instituições modernas apresentam certas descontinuidade em relação a culturas e modos de vida pré- modernos em decorrência do grau de interferência nos hábitos e costumes tradicionais e de seu impacto global.

Reflexividade ressalta as autoras, é como “a terceira maior influência sobre o dinamismo das instituições”, ao lado da separação tempo-espaço e dos mecanismos de desencaixe.

Portanto, a separação de tempo e espaço é a condição para a articulação das relações sociais ao longo de amplos intervalos de espaço-tempo incluindo sistemas globais, ou seja, no sentido de que as sociedades modernas dependem dos modos de interação em que as pessoas estão separadas temporal e espacialmente Giddens (apud, RESENDE; RAMALHO, 2006, p.26).

Ainda nessa linha de pensamento, as autoras pontuam que a separação espaço-tempo é crucial para o desenvolvimento de mecanismos de desencaixe, pois este se refere ao “deslocamento das relações sociais, de contextos locais, de interação e reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço” Giddens, 1991 (apud REZENDE; RAMALHO, 2006, p. 29).

Resende e Ramalho (2006) fazem uma análise sobre a reflexividade da vida social moderna, por sua vez, referem-se à revisão intensa, por parte dos atores sociais, por meio de conhecimentos, que se concretiza através da relação entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação. Estas faz referência a Fairclough (apud, RESENDE; RESENDE 2006) quando sugerem que a reflexividade peculiar da ação humana foi “externalizada” na modernidade, as ideologias que os atores sociais se valem vêm de fora.

Segundo as autoras, boa parte desse conhecimento é vinculada na mídia, na disponibilidade das formas simbólicas no tempo e no espaço. Isso implica que estas formas estão veiculadas na mídia, são desencaixadas de seus contextos originais e recontextualizadas em diversos outros contextos,

para serem reproduzida por uma pluralidade de atores sociais, que têm acesso a esses bens simbólicos. Portanto, para interpretar essas formas, os autores sociais as incluem em sua própria compreensão, de si mesmo também dos outros, e utilizam como meio para reflexão e autorreflexão.

Conforme Resende e Ramalho, embora a divulgação da mídia seja globalizada na modernidade, a apropriação desses materiais é localizada, e acontece em contextos específicos e por indivíduos especificamente localizados em contextos sócio-históricos. Contudo, as autoras chamam a atenção para o acesso a esses materiais simbólicos, pois a apropriação destes materiais incorporar a construção reflexiva de identidades.

E com base no conceito de reflexividade as autoras ponderam que Giddens vê as identidades como uma construção reflexiva, em que as pessoas operam estilos de vida. A reflexividade é indiscutível em certos domínios da experiência e para determinadas parcelas da população mundial.

Contudo, segundo as autoras o conceito de reflexividade refere-se à possibilidade dos sujeitos construírem ativamente sua autoidentidade, em construções reflexivas, estas e mantidas pelo discurso. Sendo assim como são construídas através do discurso, isto é identidades também podem ser contestadas no discurso. Na perspectiva de Resende e Ramalho (2006), a reflexividade vai construindo os sujeitos.

## **2.2 A estrutura do capitalismo**

Neste capítulo, discutiremos sobre os conceitos de capitalismo na perspectiva de Karl Marx (1848 e 1847), destacando mais valia em duas dimensões, estrutura, superestrutura e como estes constituem a sociedade.

Segundo o autor, a sociedade é dividida em classes sociais, existindo fundamentalmente de um lado a classe dominante, e de outra a classe dominada. A classe dominante desta sociedade é a responsável pela

exploração dos trabalhadores, e por isso busca esconder das pessoas o real sentido do capitalismo.

No entanto, são vários fatores na sociedade que impedem a maioria das pessoas de não perceber de forma clara como se dá a vida no capitalismo. Exemplos: existem as escolas os meios de comunicações, como os jornais revista, TV, rádio etc., as maiorias das produções artísticas, como o cinema, as músicas, ou seja, grande parte do que é divulgado na sociedade, dificulta a percepção do que é realmente o capitalismo. Portanto, conforme o autor isso acontece porque determinadas pessoas (a classe dominante) são beneficiadas pelo capitalismo, e por isso usa destes meios para esconder da maioria das pessoas (classes oprimidas), como realmente sociedade esta estruturada.

Entretanto, conforme Marx (apud, PASQUETTI, 2001) o capitalismo é a sociedade atual e a nossa vida é perpassada pela exploração, então, o capitalismo é o nome dado à forma como as pessoas produzem na sociedade, ao modo de produção atual, onde a vida é dominada pelo capital; são as formas de vida onde a sociedade é dividida em classes sociais, de um lado aqueles que trabalham os quais formam a classe dos trabalhadores ou proletariados. Do outro lado, a classe dos capitalistas ou burguesia, que são os patrões que dominam e oprimem os produtores nos locais de trabalho.

Esta exploração se dá através da mais valia um conceito chave, pois através deste pode-se explicar, de forma científica e rigorosa, a exploração capitalista, sendo assim Pasquetti (2001) pondera, que as questões que envolvem a vida nesta sociedade, é que a maioria das pessoas é obrigada a trabalhar para alguém, para não morrer de fome em que os operários só possuem sua força de trabalho. Ele a oferece como mercadoria ao burguês (dono dos meios de produção), que a compra por uma determinada quantia em dinheiro (salário) para fazê-lo trabalhar durante certo período de tempo; exemplo 8 horas por dia, ou seja, o custo da força de trabalho operário e maquinas constitui seu valor, a mais valia neste sentido é a diferença entre o valor produzido pela força de trabalho e o custo de sua manutenção.

Conforme o autor, no capitalismo então a exploração ocorre de duas formas fundamentais, através da mais-valia absoluta, que se dá através da organização do trabalho em jornada pelo controle de tempo, e através da mais-

relativa, que se dá através do aumento da produção num mesmo espaço de tempo. Portanto, através da organização do trabalho nas unidades de produção, os capitalistas conseguem aumentar ainda mais seu lucro.

Por fim, Marx (1847) explica sobre Estrutura e Super Estrutura, ou seja, Na teoria marxista, o materialismo histórico explica a história das sociedades humanas, em todas as épocas, através dos fatos materiais, essencialmente econômicos e técnicos. O autor afirma que a sociedade é comparada a um edifício no qual as fundações, a infraestrutura, seriam representadas pelas forças econômicas, enquanto o edifício em si, a superestrutura, representaria as ideias, costumes, instituições (políticas, religiosas, jurídicas, etc.)

Infraestrutura, neste caso, segundo Marx (1847), seriam as relações materiais de produção. Isto é, são as relações dialéticas do homem com a natureza através do trabalho, no sentido proposto por ele é também às relações de produção estabelecidas entre os homens. Portanto, a infraestrutura estabelece e se interrelaciona dialeticamente com a superestrutura, que representa a base ideológica de um determinado sistema de produção. No entanto, a superestrutura são as crenças, o direito, a política, a moral, as ideias, a religião, a arte de que justifica e é justificada por um determinado sistema.

Assim, em suma, a infraestrutura refere-se à base material das relações de produção entre homem e natureza e homem e homem (relação proprietário e proletariado). A estrutura é o sistema produtivo (capitalismo) e a superestrutura é a forma de o sentido ideológico e institucional (direito, religião e Estado Moderno).

Entretanto, a base material ou econômica constitui a "infraestrutura" da sociedade, que exerce influência direta na "superestrutura", ou seja, nas instituições jurídicas, políticas (as leis, o Estado) e ideológicas (as artes, a religião, a moral) da época.

## **CAPÍTULO III**

### **O QUE O DISCURSO REVELA**

Neste capítulo, dá-se a análise de dados coletados para esta pesquisa. Os fragmentos a serem analisados fazem parte de entrevistas realizadas com fazendeiros e agricultores familiares, do Assentamento Virgilândia Município de Formosa, estado de Goiás. O objetivo da entrevista foi investigar o discurso dos fazendeiros e de agricultores familiares em relação à expansão da monocultura da cana-de-açúcar na comunidade. Para essa análise, registram-se perguntas e respostas dos questionários, para fazendeiros, as abreviaturas classe patronal (CP) 1 e 2 e para a agricultura familiar (AF) 1,2,3,4,5,6, esses serão classificados assim para melhor compreensão das análises. Diante disso, verifica-se que a colaboração dos pesquisados da agricultura familiar é maior. Isso se explica pela existência de mais pessoas dessa categoria na região de Virgilândia. E, ainda, pelo acesso da pesquisadora a essas pessoas. Por outro lado, o número de fazendeiros é bem menor na região e o acesso bem mais reduzido.

Aborda-se, ainda, o processo de negociação da usina de cana-de-açúcar, que entra em negociação com os fazendeiros do Assentamento Virgilândia para arrendarem suas terras para o plantio da cana, trazendo o “progresso” para o Assentamento, discurso proferido pela empresa que logo fica legitimado no discurso dos fazendeiros, estes começam a divulgar o progresso da monocultura da cana-de-açúcar, levando os agricultores a reproduzirem tais discursos.

O lema dos donos da usina mediada pelo agronegócio é produção em escalas cada vez maiores, em uma mesma área e transformando a agricultura em monocultivos. Assim, se aumenta a produtividade: quanto mais terras os representantes do agronegócio arrendar, mais lucros obterão. Esses representantes buscam arrendar não somente as fazendas, mas também as parcelas dos assentados, alegando terem dinheiro suficiente para investirem na região. No entanto, essa proposta trouxe esperanças e polêmicas para a

comunidade, visto que a proposta era tentadora, possibilitando aos agricultores obterem lucros que levariam anos para conseguirem em suas atividades agrícolas.

Neste trabalho, houve uma investigação sobre os discursos das partes envolvidas neste processo de arrendamento das fazendas e das parcelas dos pequenos agricultores para uso da usina. Observando as opiniões sobre quais são favoráveis e quais discordam com o arrendamento, bem como suas opiniões sobre os riscos causados à região e à relação de causas e benefícios que esse processo trará para a região. De acordo com as respostas desses dois grupos, analisam-se algumas divergências de opiniões, que serão especificadas nos segmentos abaixo. As análises dos fragmentos são feitas por categorias que são: Estrutura e superestrutura, hegemonia, capitalismo, ideologias, mais valia, agronegócio, prática discursiva e social, em que a intertextualidade explícita, composta evidencia diretamente o discurso de dois segmentos e o implícito, que é revelado na voz da interpretação dos dados por meio da teoria e da visão do analista.

Neste primeiro tópico da análise, as perguntas do questionário organizam o discurso.

### **3.1 Você arrendaria sua terra para o plantio da cana-de-açúcar? Justifique sua resposta.**

*CP1: Sim, já arrendei, porém já desmataram e ainda não plantaram e o contrato seria de cinco anos e daria a terra adubada pronta para plantar [...].*

Neste fragmento, podemos apontar aspectos da sociedade que Marx (1847) destaca como estrutura e superestrutura. A usina seria a estrutura que representa as forças econômicas da sociedade, que também está a serviço do capitalismo, logo o agronegócio que chega ao Assentamento em seus discursos promete devolver a terra pronta para o plantio. Em detrimento vem à superestrutura representando as ideias e ideologias dos fazendeiros e consequentemente atinge a agricultura familiar ou a reprodução desta na

constituição discursiva da sociedade, ou seja, cinco anos de destruição da terra e camuflada mediante a oferta.

No entanto, segundo Marx (1847), na estrutura da sociedade, existem vários elementos que impedem a maioria das pessoas de perceber de forma clara como acontece a vida no capitalismo. Exemplos: jornais, revistas, TV, rádio e outros.

Portanto, podem-se destacar, dentro da perspectiva do autor, os discursos por traz desses fragmentos em que o agronegócio chega ao Assentamento Virgilândia no intuito de arrendarem o maior número possível de terras para o plantio, pois são especializados em transformar agricultura convencional em monocultivos, para obterem a máxima produtividade, com isso, utilizam cada vez mais um número maior de fertilizantes químicos e agrotóxicos, ocultando a destruição da biodiversidade da natureza, e também que após cinco anos a terra será totalmente improdutiva.

Conforme Marx (1847), essas são estratégias usadas pela (classe dominante) que são beneficiadas pelo capitalismo e, portanto, usam desses meios para esconder da maioria das pessoas (classe oprimida) como é realmente esta sociedade. “O discurso funciona como um marco definidor nas lutas de poder”. Fairclough (apud, RESENDE; RAMALHO, 2006, p.82).

Pode-se apontar, ainda, nesse contexto que existe um discurso pronto, que não é de CP1, mas do dono da usina, que promete devolver uma terra sem dano pronta para plantar. O discurso da usina usa do poder de persuasão para convencer os fazendeiros a arrendarem suas terras, ou seja, a estrutura é à base da negociação e o discurso é o mediador usado para convencer as partes envolvidas no processo.

No entanto, vale destacar que a estrutura e superestrutura, acontecem através da relação entre homem e natureza, homem e homem ou conforme Marx (1847) é a relação entre proprietário e proletariado. CP1 representada pela superestrutura neutraliza as consequências do plantio da cana e simplesmente reproduz o discurso do outro. Diante disso, Resende e Ramalho (2006) pontuam como as relações de poder são assimétricas, isto é, o discurso que influencia o outro ou estabelece o poder social que se concretiza pelos privilégios sociais.



CP2: *Sim, arrendei. Questões de rendimento, a cana rende mais do que a criação de gado. Foi pela questão do lucro.*

CP1: *[...] arrendei pela questão financeira, o curto benefício daria 5 vezes mais lucro que a criação de gado e valoriza a terra.*

Estes fragmentos fazem parte dos discursos capitalista, em que o lucro se torna o ponto central de acúmulos de riquezas. Nesse sentido, ocorre à mais-valia relativa que Pasquetti (2001) explica que se dá através do aumento da produção num mesmo espaço de tempo. Ou seja, a ideologia desses grupos hegemônicos “burguesia” é plantar, exportar e lucrar em curto prazo. Por exemplo: o plantio da cana-de-açúcar proporciona um lucro maior que a criação de gado. Analisa-se aqui uma relação de poder via discurso, ou discurso como prática social.

A explicação está no fato da usina possuir status que a privilegia nessa sociedade capitalista, auxiliada pelo estado, pois, é através da exploração na perspectiva de quanto mais poder, mais riquezas, ou seja, acúmulo de capital. Com isso, mais forças obterão, assim se anula todas as consequências para que objetivo principal, a aquisição de patrimônio, seja superior as demais questões.

Esses fragmentos perpassam pelo discurso capitalista em que o lema da classe dominante (burguesia), é explorar. Estes não levam em conta as questões ambientais que envolvem o plantio da cana-de-açúcar e as implicações que isso trará à comunidade, tais como: desmatamento, queimadas em grande escala, diminuição das águas, contaminação atingindo os lençóis freáticos, destruição da fauna e flora do cerrado deixando os animais sem habitat natural, levando-os a procurarem abrigo nas casas das pessoas. Porém, o mais importante é o lucro, a questão econômica, o acúmulo de capital. Não importa quem sofra, pois lhe [...] *“renderá cinco vezes mais que a criação de gado”*.

Na perspectiva Van Dijk (2010), das frases analisadas, pode-se classificá-las como: o texto seria o contrato, o discurso através da escrita; prática discursiva, o discurso da usina e a prática social a reprodução do discurso.

“Controlar a produção material e simbólica da escrita e da fala, assim, parte dos processos cognitivos que subjazem à administração cognitiva e à fabricação do consenso entre os menos poderosos”. (VAN DIJK, 2010, p. 57).

É possível perceber que o discurso está explícito nas imagens abaixo, CP1 relata que “o canavial acaba com os rios, porém isso lhe renderá cinco vezes mais que a criação de gado”.



*Rio Escarosador no Assentamento Virgilândia. Imagens tiradas em frente dos canaviais*

Fonte: acervo da pesquisadora

Nesse fragmento, houve divergências, CP1 declara que apesar de observar os danos ao meio ambiente, seu interesse lucrativo sobrepõe a essas questões. Por outro lado, CP2 relata que não percebeu problema algum em relação ao meio ambiente, dando ênfase que esse processo trouxe inúmeros benefícios. Porém, as imagens acima nos revelam a verdadeira realidade das consequências que envolvem o plantio da cana-de-açúcar. Esse rio, por exemplo, nunca havia secado até o momento que se iniciou o plantio, pois as águas foram represadas para irrigação das canas, com isso os rios que

abasteciam as chácaras secaram quase todos. Sem contar às queimadas que trazem grandes riscos para a comunidade, tais como, problemas respiratórios, destruição da fauna e da flora dentre outros, e, no entanto, estas questões são relevantes mais não é mais importante, esse discurso fica explícito que o lucro é mais importante.

*AF1 relata: [...] se a usina quiser eu arrendo. A usina desmata tudo e aduba e calcaria coisa que eu não teria condições de fazer e esse dinheiro eu ia vivendo com minha família.*

Consideram-se duas observações, segundo Resende e Ramalho (2006), o discurso pode ser considerado um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros. Já Van Dijk (2010, p.41) afirma que “a relação de poder se concretiza por meio da interação, ou seja, o conceito da ação envolve o conceito de controle cognitivo.” Portanto, no fragmento anterior a influência dos discursos dos fazendeiros está refletindo nos dos agricultores.

Os discursos, nesse caso, se encontram interligados, ou seja, através da interação. CP1 relata que *[...] o contrato seria de cinco anos e daria a terra adubada pronta para plantar, este discurso se reflete em AF1.* Isso significa que o discurso da classe patronal (CP) encontra-se, de forma intertextual, permeado em outros discursos, em que afirmam serem os grupos dominantes criadores de forma que são compatíveis com o interesse dos grupos dominados que, no entanto, são compatíveis com os interesses daqueles que detêm o poder (capitalistas). Entretanto, isso se dá porque a sociedade é dividida em classes sociais, de um lado a classe dominante (burguesia) e do outro a classe dominada (proletariado), tendo em vista que a classe dominante busca esconder das pessoas o real sentido do capitalismo.

Assim, esse discurso se legitima quando AF2 declara [...] no momento não, porém quando a usina fez a proposta só não arrendei porque o IBAMA não liberou isso por não ter conhecimento das consequências que o plantio traria ao assentamento.

Contudo, na sociedade existem vários fatores que impedem as pessoas de compreenderem o funcionamento da sociedade, negação de conhecimento, grau de escolaridade, mídias delineada ao interesse próprio (capital). Na fala

analisada, revela-se o conceito de reflexividade institucional que Chouliaraki e Fairclough (apud, RESENDE; RAMALHO, 2006) sugerem ser a reflexividade inerente à ação humana, “externalizada” na modernidade, nas informações em que os atores sociais se valem para a reflexividade que vem “de fora”.

Isso acontece conforme relações entre esses conhecimentos e o monitoramento reflexivo da ação. Como AF1 pode refletir sobre as consequências do plantio da cana-de-açúcar, quando tem de pensar no imediatismo, ou seja, em como ela e sua família vão sobreviver ou como refletir, se não conhece as causas que a plantação da cana fará a terra.

Diante desta análise, percebe-se que existem vários discursos permeando a implantação da monocultura de cana-de-açúcar na comunidade do Assentamento Virgilândia. Isto é, o discurso da usina influencia os fazendeiros, e eles por sua vez, reproduzem um discurso hegemônico dentro do sistema capitalista de interesses próprios e acúmulo de capital, fazendo com que essas ideologias estejam implícitas também no discurso da classe patronal (CP) e este consequentemente está sendo legitimado no discurso da agricultura familiar (AF).

*AF3: Não, pois além de desmatar parte da vegetação, haveria também desgaste do solo. A parcela foi cedida no intuito de que a família cultivasse a terra, para complementar a renda mensal.*

*AF4: Jamais, não percebo qualquer fundamento lucrativo ou ambiental [...].*

*AF5: Não porque um contrato de cinco anos prejudicaria o desenvolvimento da terra, e monocultivo vai contra o princípio agroecológico ou agricultura familiar.*

A respeito das análises dos fragmentos, nota-se que há um paradoxo de opiniões entre CP e AF, ambos respondem as mesmas questões, mas cada um com a visão de mundo que têm e também com o grau de escolarização que possuem, possivelmente.

A classe patronal (CP) tem conhecimento do que está fazendo, porém carrega os traços do agronegócio dentro de uma sociedade capitalista, onde o lucro se torna o fator principal. Em detrimento, os agricultores familiares (AF), sem escolaridade, não possuem conhecimento suficiente para não serem manipulados pelos discursos daqueles que detêm o poder, e se tornam

submissos a essas situações tornando-se receptores de tais discursos. Conforme Van Dijk (2010, p.30), “isso ocorre quando os receptores não têm o conhecimento específico do que pode ser usado para resistir à manipulação”.

Já AF escolarizado revela um dizer com um maior grau de conhecimento sobre o assunto, tem uma fala concreta, não mostra interesse em por em risco a destruição da natureza por causa de dinheiro. Eles não foram manipulados pelos discursos das partes interessadas nesse processo, sabem dos riscos e também são convictos de que o real sentido da reforma agrária é produzir para a própria sobrevivência e de sua família, pode-se considerar que o grau de escolaridade define opiniões. Segundo (MARCOS BAGNO, 2007, p.43) “o discurso varia de origem geográfica, grau de escolaridade, idade, homens e mulheres”.

### **3.1.1 Em sua opinião o plantio da cana de açúcar traz desenvolvimento financeiro para a comunidade? Justifique sua resposta.**

*CP1: Sim fica bom para todos, traz renda pra comunidade porque traz rendimento rápido.*

*CP2: Não traz desenvolvimento algum para a região. O lucro é somente para os fazendeiros.*

Nesse fragmento, CP2 mais uma vez se mostra a serviço de quem está, pois seu discurso é totalmente capitalista, ou seja, a visão de “todos” é uma propaganda política muito ideológica, só aparece em suas retóricas camuflando o real beneficiário ou os reais beneficiários. Ela apresenta uma resposta superficial. É bom para todos isso! Como se o assentamento estivesse sendo beneficiado com alguma coisa. Verifica-se aí uma oscilação nas respostas. É plausível considerar que se traz em sua retórica o reflexo de uma sociedade marcada pela neutralização do real beneficiário.

Van Dijk (2010) enfatiza os meios discursivos e cognitivos da reprodução do poder social, é usado através dos discursos políticos, jornais, mídia que estrategicamente formulam notícias programas de televisão, relatório ou publicidade empresarial. Contudo, o propósito é o controle da produção do

discurso público. Uma vez que as pessoas são influenciadas pelas notícias que leem ou veem.

Em contraste CP1 relata que há desenvolvimento, porém somente para os fazendeiros, este tem um nível de escolaridade maior que o anterior que, no entanto traz uma visão mais ampla de quem realmente está se beneficiando, e, portanto, não se mostra interessado em esconder quem na real está lucrando, seu discurso é claro e objetivo.

*AF1: Não, pois a única coisa que eles poderiam oferecer era emprego e nem isso eles fazem. Nem arrendar às parcelas a usina conseguiu para ajudar os parceleiros. O lucro é para o fazendeiro.*

Diante desta fala, AF1 aponta duas questões que mostra a visão de mundo da mesma, relata não ver qualquer desenvolvimento para a comunidade que até a mão de obra é terceirizada, os trabalhadores vêm de fora e, por último, pondera que nem mesmo as chácaras, a usina conseguiu arrendar para ajudar os parceleiros, essa fala mostra a falta de conhecimento de AF1, pois pensa que a usina estaria os ajudando se arrendassem as parcelas.

Nesse raciocínio, faz-se uma análise do grau de manipulação a qual o discurso de AF1 representa, pois ela é levada a pensar desta forma e mesmo não obtendo conhecimento suficiente sobre os males para a natureza e consequentemente para o ser humano, legitima esse discurso com traços capitalista.

Poder social é definido em termos de controle exercido por um grupo ou organização (ou seus integrantes) sobre as ações e/ou as mentes de (membros de) um outro grupo, limitando dessa forma a liberdade de ação dos outros ou influenciando seus conhecimentos, atitudes ou ideologias. (VAN DIJK, 2010, p.88).

No entanto, um ponto que requer uma análise é como o discurso CP1 se reflete em AF1 como forma de dominação, contudo segundo Van Dijk (2010) ele apresenta o discurso como forma de poder que alguns grupos mantêm sobre outros, tornando-se evidente na perspectiva do fragmento anterior. O autor pondera ainda que manipular pessoas envolve manipular suas mentes, as crenças, seus conhecimentos, suas opiniões e suas ideologias os quais por sua vez controlam suas ações.

*AF6: Sim, porque gera emprego, pois alguns da Virgilândia trabalham nos canaviais. É bom pra usina porque a chácara não fornece renda suficiente para a sobrevivência com isso parceiros saem para trabalharem nas usinas.*

Neste fragmento, vale destacar que AF6 é letrado e, no entanto, se contradiz com as falas anteriores quando relata os prejuízos do plantio da cana. E, mediante esta fala, o mesmo diz que a usina traz benefício, porque alguns trabalham na mesma, lembrando que esses “alguns” se referem a apenas dois assentados que prestam serviços para a usina, ou seja, mesmo obtendo conhecimento da degradação do meio ambiente devido ao plantio, se posiciona contra o arrendamento das parcelas, se contradizendo em seu discurso, pois o benefício, nesse caso, é somente para duas pessoas da comunidade. Nota-se que AF6 está sendo manipulado pelo discurso de CP.

Porém, por traz desse discurso, há outra problemática, quando AF6 pondera que as chácaras “não fornece renda suficiente, por isso eles têm que trabalhar fora para complementarem suas rendas”, isto é, a necessidade do imediatismo fica em evidência, portanto Resende e Ramalho (2006) fazem referência a Giddens que ver a identidade como construção reflexiva e aí as autoras fazem um questionamento “Que estilos têm disponíveis para escolhas das pessoas que vivem a margem dos bens produzidos pela modernidade. Ou seja, isso está fora da produção imediata” Resende e Ramalho (2006, p.33). Todavia não dá para ficar preocupado ou ser reflexivo com as questões que envolvem o plantio, simplesmente há uma urgência maior que é buscar o sustento de sua família.

*AF3: Levando em consideração o histórico do plantio de cana de açúcar, acredito que o desenvolvimento financeiro e o lucro vai para o dono da usina, pois não é aproveitada a mão de obra do assentamento, isso que poderia gerar empregos e ajudar as famílias presentes no assentamento.*

Fundamentada na análise anterior, pode-se apontar novamente a visão de AF3: tem conhecimento sobre o histórico do plantio da cana, mas outra possibilidade contrapõe à primeira, o mesmo ressalta sobre a necessidade de sobrevivência a qual leve AF3 a acreditar no desenvolvimento financeiro, oferecendo emprego para os parceiros, mais uma vez a luta pela sobrevivência camufla os prejuízos à natureza e à vida.





*Rio Barreirão*

Fonte: acervo da pesquisadora.

Essa imagem deixa explícitos esses prejuízos, este é um rio seco, antes corria água normalmente, porém isso pode ser reconsiderado se estiver oferecendo emprego.

### **3.1.2 Em sua opinião o canavial traz algum risco para a região?**

*CP1: Para o pequeno produtor foi ruim, pois a foligem, as queimadas das árvores prejudicou os produtores de mel (apicultores), pois as abelhas morreram.*

*CP2: Não, pois já tem dois anos e não vejo nenhum problema, o plantio é resistente, fácil de produzir, só tem vantagens. Pode oferecer emprego, atualmente estão trazendo trabalhadores de fora, mais o custo é muito alto. Querem pegar mão de obra local para fazer coisas que a máquina não faz como cortar e ajuntar.*

Dessa forma, é possível considerar que CP1 tem consciência sobre os prejuízos aos agricultores familiares (AF), relata que [...] *as queimadas prejudicou os apicultores, pois o fogo matou as abelhas*, mas isso não a impediu de arrendar sua fazenda, pois ela será beneficiada. O interessante é que ela responde com honestidade e mostrando conhecimento em seus

relatos, não esconde em momento algum, suas intenções de lucro rápido mediante o plantio e nem como isso será ruim para o assentamento.

Entretanto, em detrimento a segunda fala, CP2 pondera não ver nenhum problema, e no restante da fala começa a fazer um discurso planfetário, fazendo uma propaganda da cana, exercendo um papel de desentendido, ou de recuo, e seu discurso está implícito, pois por menos estudo que possui isso não impede ninguém de ver as consequências ao meio ambiente a qual está explicito nas imagens anteriores. Resende e Ramalho (2006) ponderam que o uso da linguagem social é constituído socialmente de identidades sociais, relações sociais e sistema de conhecimento e crença. Sendo assim, existe uma dialética entre discurso e sociedade.

E essa dialética entre ambas que constitui outros discursos ou outras ações, vamos analisar a resposta a esta pergunta de AF1, sem escolaridade, e como este encontra interligado ao discurso de CP1. AF1: *Não acho que o veneno que eles colocam não prejudica ninguém, pois se fizesse os peixes tinha morrido.* A fala deixa claro, a gravidade que a falta de conhecimento sobre o assunto traz, levando as pessoas a assumirem atitudes que vão contra as leis da vida e meio ambiente. Em que espaço vive uma pessoa que relata achar que o veneno não faz mal para “ninguém”?

Portanto, AF1 sem perceber que está sendo manipulada reproduz tal discurso com a maior normalidade e simplicidade, porém conforme Van Dijk (2010), os que estão no poder profere discurso de acordo com seus próprios interesses e o autor pondera ainda que as pessoas são manipuladas em muitos casos por falta de conhecimento e isso se torna uma forma de dominação que um grupo mantém sobre o outro, isso significa que se a mente está sendo influenciada, assim as ações também serão controladas.

AF6: *Sim. Perda de fertilidade do solo, contaminação do ar, das águas e principalmente da saúde das pessoas por meio de tóxicos altamente perigosos utilizados na cana.*

AF4: *Sim a nossa água que era cada vez mais escassa decorrente do desmatamento, o tempo está mais seco assim o número de pessoas com problemas respiratórios só tem aumentado.*

Observa-se, então que AF4, escolarizado, não reproduz o discurso da classe patronal (CP), ao contrário ele demonstra conhecimentos das causas e

prejuízos tanto da terra quanta a saúde dos assentados, e relata com propriedade sobre o uso de inseticida altamente tóxico, estes obtêm acesso a conhecimentos sobre os danos, e isso faz a diferença na resistência contra o arrendamento das chácaras.

Embora Af4 e 6 tenham uma visão ampla sobre as questões a qual envolve a expansão canavieira, percebem-se duas questões: primeiro o discurso de assentado entre assentado não tem reprodução, porém parece haver um descrédito por parte de alguns por não darem atenção ao que a sua própria classe pensa, no entanto, reproduzem o discurso de CP que é dono de grandes propriedades e oferece emprego em suas fazendas para alguns, o poder de manipulação está nas mãos de quem possui status ou relação de favor.

Resende e Ramalho (2006) pontuam que o poder social se concretiza através de privilégios sociais, todavia pode-se afirmar que essa ideia defendida pelas autoras está explícita na situação anterior, pois não dão credibilidade ao que pensam e não valoriza quem faz parte do seu meio. Por outro lado, há uma negação que nos leva a um questionamento: porque AF1 não reproduz o discurso de outro AF? Seria pela questão financeira? Segundo Resende e Ramalho, só tem o poder de controlar os discursos àqueles que possuem posições, riquezas e outros.

### **3.1.3 Em sua opinião quais as causas e os benefícios que o plantio da cana-de-açúcar trouxe para a comunidade?**

*CP2: Por enquanto só para os fazendeiros, a usina pretende ainda arrendar a terra do pequeno produtor. Pois quanto mais terra arrendarem mais lucro obterá.*

*CP2: Por enquanto não trouxe nenhum benefício, achei que cresceria com a chegada de uma empresa grande como a usina, porém até o momento não vi nada.*

No ponto de vista de CP2, em sua fala, ele declara serem os fazendeiros os únicos beneficiários, contradizendo o próprio relato anterior, em que diz ser bom para todos, no entanto é totalmente contraditório. Isso significa que em algumas respostas ele esquivava-se do real sentido das questões abordadas.

Depois o mesmo diz: *a usina pretende arrendar mais terra, pois quanto mais terras, mais lucro, retomando as discussões anteriores, esse discurso é totalmente burguês de um modelo de desenvolvimento capitalista que sempre privilegiou os interesses dos grandes proprietários de terra.*

Tendo em vista que o único objetivo é o lucro, fortalecendo assim a classe dominante usando deste artifício para dominar as pessoas.

CP1 relata com clareza, como em todas as suas declarações que não consegue ver nenhum benefício para a comunidade sendo que os únicos beneficiários são os fazendeiros, as usinas e os municípios, com os impostos que a empresa gera.

AF1: *Só brigas por causa da água que tá secando, pra mim não tem nada de ruim.*

AF3: *Acredito que benefícios não foram acrescentados para o assentamento, mas as causas e consequências são notáveis, pois a degradação do meio ambiente está cada vez alta.*

AF2: *Nenhum, que benefício tem algo que seca os rios, prejudica a saúde. As plantações de sobrevivência dos agricultores diminuirão.*

Um elemento que pode ser destacado na fala de AF1, sem escolaridade, é que o único problema existente no plantio da cana são as brigas por água, pois os rios estão secando, como se esse motivo não fosse importante. Ficar sem água na visão desta não está em questão. Note também que para ela não tem nada de ruim. Vamos analisar esta imagem de uma barragem que secou devido à implantação do plantio de cana.



*Barragem do Rio tamanduá no Assentamento Virgilândia.*

Fonte: acervo da pesquisadora.

O discurso dela está tão ligado ao discurso de CP1, que há um consenso entre ambos, permeando esta fala. Na teoria de Fairclough (1999), a prática social é descrita como uma dimensão do evento discursivo. No entanto, a natureza da prática discursiva é variável entre os diferentes tipos de discursos, de acordo com os fatores sociais envolvidos (RESENDE e RAMALHO, 2006).

Assim, mediante análise das autoras, apontam-se as implicações de CP1 no discurso de AF1 e as verdadeiras intenções que são camufladas mediante a retórica daqueles que estão exercendo o poder de persuasão.

Levando-os a reproduzirem o discurso e serem convencidos de que é o melhor para todos sem perceber que estão sendo manipulados. Vale destacar a visão da burguesia de que o país é de todos, retomando a dialética entre sociedade e discurso, ambos estão interconectadas, pois controlar o discurso se dá na forma de como a sociedade está estruturada. Nesse sentido, essa estrutura é a responsável pela constituição do ser social das ideologias, das identidades, dos conhecimentos e das crenças, a qual está explícita no discurso anterior, a falta de conhecimento camufla os prejuízos ambientais.

### **3.1.4 O plantio da cana-de-açúcar influencia nas mudanças climáticas, na falta de água, na fauna e na flora?**

*CP1: Os desmatamentos fazem esquentar o tempo, as barragens feitas são desviadas dos rios e com isso seca os rios. O pior é que eles pegam a parte melhor da fazenda perto dos rios. O benefício é somente para os fazendeiros e usineiros. Os bichos fogem, pois seu habitat foi destruído, os animais corriam para a porta, inclusive peguei um filhote de onça.*

*CP2: Não porque ela não exige muito, se plantar na hora certa, não exige água, podendo ser plantada até no cerrado. No caso do desmatamento pode desmatar que não vai influenciar, desde que você respeito a metragem exigida pelo IBAMA, se for nas nascentes não desmatar na beira delas. O IBAMA, também exige que deixe as reservas legais.*

Como foi verificado em todas as análises, CP1, escolarizado, tem conhecimento sobre os danos à natureza e também dos riscos para o assentamento, tendo em vista que faz parte da classe patronal, ela não oscila em suas respostas, ao contrário do outro CP é verdadeira, porém esses motivos não fazem diferença em sua decisão, pois ela será beneficiada, evidenciando a visão capitalista que explora a terra em busca do lucro.

Para compreender o porquê dessa divergência de opiniões entre ambos, faz-se uma análise sobre o fato de serem de sexo oposto, o discurso da mulher é sincero, ela não foge dos motivos que a levaram a arrendar sua fazenda, muito menos dos prejuízos à natureza, em detrimento o discurso do fazendeiro homem que foge das respostas, mostrando desconhecer os prejuízos ao assentamento e, no entanto, segundo Bagno (2007, p.43), “o discurso varia de origem geográfica, grau de escolaridade, idade, homens e mulheres”. Nesse sentido, pode-se afirmar que há diferença entre esses discursos.

Retomando a análise anterior, vê-se nessa análise a diferença destes discursos, CP2 afirma que o plantio não influencia nas mudanças climáticas, isto é, ele se apropria da terra retirando da mesma a mais valia relativa, e ainda defende não haver prejuízos para a natureza. Este está a serviço do sistema capitalista que neutraliza tais questões, e as impõem levando a classe dominada a compartilharem essas ideologias levando os a crer, ser bom para todos.



A esse respeito, Antunes (2002) mostra a relação que há entre linguagem e poder, ela trata a linguagem como prática social e ideológica, sem deixar de examinar as relações de poder, dominação e de resistência institucionalmente constituídas pelas estruturas e as estratégias do discurso das elites.

Além de apresentar uma visão assumidamente capitalista, ele distorce as respostas, *“é de fácil manejo, podendo ser plantada até no cerrado”*. Primeiro, ele foca na planta e não nas mudanças climáticas, depois o mesmo demonstra sua visão do cerrado. Vamos fazer uma análise semântica dessa frase: ela tem um sentido de distanciamento, também pejorativo, longe da realidade, e do que realmente interessa à burguesia. Nesse caso, o cerrado não tem valor algum, mostrando visão de inferioridade, isto é, a cana não exige muito podendo ser plantada até no cerrado, declara ele.

Apesar de haver vários meios de comunicação que enfatizam o valor do cerrado, fazendo uma análise dessa fala, compreende-se com clareza uma extrema falta de sensibilidade ao verdadeiro valor do cerrado, quando diz “até no cerrado” há uma desvalorização, depreciação absurda e inaceitável perante a vida, pois o cerrado é um bioma que deve ser respeitado. Vale ressaltar ainda que CP está submisso ao lucro, desvalorizando a vida e substituindo-a pelo progresso.

Nesse sentido, CP1 continua relatando que os desmates não influenciarão nas mudanças climáticas, desde que respeite a metragem exigida pelo IBAMA e deixe a reserva legal, em relação a essa falar, destacam-se algumas análises conforme a imagem abaixo.



*Imagens dos canaviais no Assentamento Virgilândia.*

Fonte: acervo da pesquisadora.

Devido ao relato anterior, apontam-se alguns pontos: na primeira imagem a parte clara são canas e a escura é o rio que passa no meio, e na segunda imagem no meio onde aparece uma parte de terra é uma barragem. Apesar de relatar que respeita as metragens exigidas pelo IBAMA às imagens mostram o contrário, note que as canas estão ao lado do rio e, no entanto não consegue ver danos devido aos desmates.

Para finalizar, ele pondera sobre a importância de deixar as reservas legais, tentando provar que se seguir dessa forma, a natureza não terá prejuízo algum. Diante disso, vê-se uma imagem da reserva dentro dos canaviais.



*Imagens das reservas dos canaviais do Assentamento Virgilândia*

Fonte: acervo da pesquisadora.

Embora declarando ser a favor das regras do IBAMA, mais uma vez, se verifica que na prática isso não acontece, o mais agravante nessas reservas é que no meio delas estão as minas dos rios que abastecem o assentamento. Na primeira imagem, veja que perto da reserva tem uma parte amarela, estas são canas a espera do corte e a parte de terra é que já foi colhida, mas antes disso as canas passam pelo processo de queimada das palhas, veja a distância da reserva e a imensidão do plantio. Diante disso, essa reserva se torna



insignificante, mesmo assim a classe patronal (CP) convence alguns agricultores familiares (AF), através do discurso, que o plantio não desrespeita a natureza. Na segunda imagem, essas canas começam a brotar, no entanto esse é o processo da cana pelo período de cinco anos. Como tal processo não deixará marcas?

Sobre isso, Vieira observa:

Cria-se particularmente estratégias de criação de consenso e os mecanismos que exercem poderosa influência sobre o discurso e, acima de tudo, sobre os pensamentos, sempre em benefício dos mais poderosos bem como sua reprodução revelando o papel do discurso na produção e reprodução da dominação cujos efeitos permitem diferentes possibilidades de ações individuais. (2002,p153).

Ainda, nessa discussão, AF1 revela:

*AF1: Nas mudanças climáticas não mudou nada tá quente porque tem que esquentar. O plantio não tem nada a ver com a falta de água os tempos e que tá ruim. Acho que seria a melhor coisa a se fazer é que todos arrendassem as parcelas assim a usina faria barragens no assentamento que nós não teria condições de fazer.*

Ainda na resposta à questão 5, AF expõe:

*AF6: Sim. Os desmatamentos causaram muitos riscos para a comunidade, pois os poços de abastecimento de água secaram mais cedo e alguns que não secavam este ano secaram. As pessoas reclamam que está mais quente. Antes era visível ver os animais tais como: a ema, o veado, anta, seriema e outros e hoje não se vê mais as vezes vemos animais queimados é de partir o coração.*

E AF2 acrescenta:

*AF2: As queimadas têm deixado vários animais cegos, este ano as árvores como os pequizeiros, mangaba, baru, caju e outros não floriram vejo que é consequência dos desmates.*

Considerando o que Josênia retrata anteriormente, permite-se afirmar que o discurso e ação de AF1 refletem as ideologias de CP1, levando em

consideração, AF1, sem escolaridade, não reflete sobre as questões envolvidas no plantio, a falta de conhecimento contribui com essa dominação. Na concepção dela, o plantio não influenciou nas mudanças climáticas, diz “ta quente porque tem que esquentar, o plantio não tem nada a ver com a falta de água os tempos é que ta ruim.” “O discurso é moldado pela pelas relações de poder e investidos de ideologias”. Fairclough (apud, RESENDE;RAMALHO, 2006, p.8).

Assim, essa concepção se encontra permeada de conformismo. O mundo não muda como se estivesse profetizado, AF1 deixa evidente a ideia de que não haverá mudanças, então o melhor seria se todos arrendassem as parcelas. Nisso consiste o discurso dos burgueses, a classe patronal (CP), que camufla a destruição do meio ambiente e cria formas de consenso entre os proletariados, agricultura familiar (A/F), permitindo serem dominados e legitimadores desses discursos.

Baseados nos estudos Antunes (2002), a dialética entre linguagem e poder mostra as consequências cognitivas e sociais nas quais se inclui o discurso e a resistência à dominação.

Nesta segunda parte, analisa-se a fala de AF2 em que é revelado o contraste do que foi exposto anteriormente. Ele não se deixa influenciar pela retórica de CP, daí, então, pode-se considerar que o mesmo é politizado mediante as questões apresentadas.

Como foi citado, tanto CP2 quanto AF1 são influenciados pelo “progresso”, ambos estão camuflando a degradação da natureza em benefício próprio. O curioso é como não ver os prejuízos a qual AF1 relata nessa fala? “os desmatamentos causaram a seca dos poços mais cedo e até os que nunca secaram esse ano secou”. Note a gravidade da situação, mesmo assim isso não é problema na concepção de CP2 e AF1. Veja este outro relato “antes era visível ver os animais andando” e atualmente veja o cenário “as vezes vemos animais queimados é de partir o coração.”

O que pode ser feito para mudar essa realidade é a emancipação em que todos possam reagir mediante essa manipulação. O caminho é que todos

busquem conhecimentos e se politizem para defenderem e lutarem por seus ideais, não se tornaram receptores de discursos daqueles que estão no poder para não serem prejudicados.

Durante as entrevistas pode-se observar que a categoria AF, sem escolaridade, tinha medo de responder algumas questões e perguntava quem ia ver esse trabalho, pedia em alguns momentos que não relatasse sua resposta, pois não queria entrar em atrito com a classe patronal (CP). Sendo assim, como impedir que esses plantadores de cana continuem devastando o Assentamento Virgilândia, se os assentados têm medo de falar o que pensam? Imagine procurar os direitos que podem impedir esse plantio. “Quem pode falar e escrever para quem, sobre o que, quando, em que contexto, ou quem pode participar desses eventos comunicativos nos mais variados papéis de ouvintes” (VAN DIJK, 2010, p. 89).

## CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa busca compreender o poder do discurso na relação entre classe patronal (CP) e agricultura familiar (AF). Nas análises dos fragmentos a manipulação torna-se evidente. É possível afirmar que tanto a categoria de CP quanto a de AF estão fechadas mediante outros discursos, e não conseguem refletir sobre as consequências que a monocultura da cana-de-açúcar causará à terra, ou seja, os donos usina têm seus discursos delineados de interesses e por sua vez usam seu poder de persuasão para convencer as partes envolvidas no processo de arrendamento das terras e logo esse discurso se legitima.

Nessa perspectiva, existem vários pontos que são observados. Os agricultores familiares estavam sendo manipulados, porém a busca pelo imediatismo os deixa nessa situação. Ao se depararem com uma oferta de dinheiro que os ajudaria a se manterem por muito tempo, tendo em vista, que as parcelas não ofereciam o suficiente para sua sobrevivência e também de seus familiares.

Desse modo, eles reproduzem o discurso dos fazendeiros relatando não ver problemas em arrendarem suas parcelas. Outro ponto a qual se tornou evidente foi que os agricultores sem escolaridade não têm conhecimentos sobre o real sentido dos plantios e dos prejuízos à natureza. Isso facilitou a manipulação destes, como comprovam suas falas, que se assemelhavam sempre ao discurso dos fazendeiros.

Todavia, fica explícita a relação de medo ou a falta de conhecimento específico do que poderia ser feito para resistir à manipulação e também a relação de favor entre ambos, o que deixa evidente sobre como intervirem quando precisam dos serviços oferecidos por esses fazendeiros.

Assim, pode-se afirmar que o grau de escolaridade, definido nesta situação, contribuiu com a resistência a esses discursos, pois os agricultores escolarizados são inaliáveis, possuem conhecimentos necessários sobre as questões que envolvem o plantio da cana-de-açúcar. Eles não querem arrendar

suas parcelas, pois a apropriação desses conhecimentos não os permite contribuir com essa devastação e por acreditarem no real sentido da reforma agrária, em que só retire da terra o necessário para a própria subsistência.

Em relação aos discursos dos fazendeiros (homens e mulheres) com e sem escolaridade, eles eram totalmente contraditórios. A mulher era clara e objetiva, possuía uma visão capitalista mostrando não se preocupar com os problemas emergentes à natureza, mas isso não a impedia de relatar com afinco os reais beneficiários com o plantio. Já o homem possui uma visão capitalista e política em que sempre se esquivava das questões e tentava provar ser o plantio benéfico a todos. Ficou explícito também que o grau de escolaridade de uma pessoa é, um fator, por vezes, determinante para se naturalizar um discurso, pois em algumas situações o fazendeiro sem escolaridade se mostrou leigo perante os relatos dos danos à natureza e à vida.

Entretanto, em relação aos agricultores, não foram percebidas diferenças entre o discurso do homem e da mulher e também dos jovens. Todos os entrevistados possuíam visões bastante parecidas no que diziam respeito ao plantio da cana de açúcar.

Desse modo, diante destas análises pode-se afirmar que os discursos variam conforme a diferença de classe, porém os discursos da classe burguesa permeiam todos os outros, prevalecendo o discurso capitalista. Esses discursos estão delineados pelo imediatismo, ou seja, os fazendeiros buscam lucro rápido, pois a criação de gado lhes é menos rentável a longo prazo. No entanto, a AF se submete a tal situação por motivo de sobrevivência ou falta de conhecimento, pois essa classe vê nesta proposta uma saída imediata para suprir suas necessidades básicas. E, também que a busca pelo conhecimento será a forma de resistir a esses discursos que também fazem parte de como a sociedade está estruturada.

Com este trabalho, espera-se contribuir através da análise do discurso, com a formação crítica das pessoas com uma visão politizada, pois ela nos possibilita analisar dentro de vários leques os meios de não se deixarem ser manipulados por aqueles que detêm o poder e privilégios nessa sociedade

capitalista. E, também ajuda a identificar os perigos destas manipulações e como essas se tornam uma forma de controle mental da manipulação com ênfase no poder.

Diante desta visão crítica que a análise do discurso nos possibilita e pensando em como ampliá-la para a agricultura familiar, criou-se na escola do Assentamento Virgilândia pela inserção da pesquisadora, como estudante da Licenciatura em Educação do Campo – LEdoC, através dos estágios realizados na escola dessa localidade, o grupo de teatro Arte Cultura em Movimento, formado por alunos, no intuito de potencializar essas discussões em tela. A peça, cujo título é “A luta pela sobrevivência”, trata de questões sociais do Assentamento Virgilândia com foco na monocultura da cana-de-açúcar. Esses jovens se apresentam em vários espaços públicos com o intuito de intervirem na realidade a qual se encontra o assentamento, tendo em vista que o teatro é um meio de emancipação e apresenta, conforme seu foco, um discurso contra-hegemônico.

Através destas práticas, torna-se evidente uma formação crítica e política da visão de mundo destes jovens, que, no entanto estes conseguem se auto-organizar e demandarem questões relacionadas ao grupo e a comunidade. Todavia há uma percepção desses jovens devido à necessidade de leituras que os embase teoricamente, já que o Teatro Fórum requer uma discussão intrínseca da estrutura da sociedade e consequentemente do assentamento e escola.

Como docente na escola, a pesquisadora deste trabalho se utilizará dos conhecimentos da análise do discurso para promover uma leitura crítica no ensino de língua materna na escola do Campo.

## REFERÊNCIAS

CRESWELL, John W. Projeto de Pesquisa: método qualitativo, quantitativo, quantitativo e misto. 2. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIJK, Teun A. Van. “Discurso e Poder”. 2. Ed., São Paulo, Contexto, 2010.

HARMAN, Chris. *A Taxa de Lucro e o Mundo Atual*. International Socialism (2nd series), No 115, Londres, 2007. Tradutor: Sergio Ricardo Alves de Oliveira.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1. O processo de produção do capital. Volume II. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S. A., 1989.

PASQUETTI, Luiz Antônio. *Texto síntese sobre os modos de produção*. Brasília, 2011.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SOUSA, Rosineide Magalhães de. *Resumo e Resenha no Contexto Acadêmico, no prelo*.

VIEIRA, Josênia Antunes, SILVA, Denise Elena Garcia da (Orgs). “Análise do Discurso: percursos teóricos e metodológicos”. “in: *As abordagens críticas e não-críticas em análise do discurso*. Brasília: Plano, 2002.